



Violência em Foco: as imagens de violência no Diário dos Campos e Jornal da Manhã¹

Aline JASPER²

Carlos Alberto de SOUZA³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

Com a conquista de cada vez mais espaço para a imagem nos jornais, a fotografia passa a ser valorizada como ferramenta de suma importância para chamar a atenção dos leitores. No entanto, o uso de imagens de violência para este fim atenta contra os princípios éticos jornalísticos. O objetivo deste artigo é analisar comparativamente as imagens das capas e editoriais de polícia dos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e quantificar a incidência de tais imagens e o grau de violência detectado em cada uma delas.

PALAVRAS-CHAVE: violência; sensacionalismo; ética jornalística; fotojornalismo.

INTRODUÇÃO

A fotografia ganha cada vez mais espaço nos jornais impressos. A necessidade de atrair a atenção do leitor é suprida pela relação da imagem fotográfica com a realidade e os diversos discursos contidos em cada cena fotografada.

É inegável a contribuição que a fotografia tem prestado ao jornalismo, dando-lhe mais veracidade e facilitando a compreensão dos fatos. Nunca a fotografia ocupou tanto espaço no noticiário impresso e nos meios de comunicação. (VICENTINI; OLIVEIRA, 2009, p. 122)

O uso cada vez maior da fotografia no jornalismo é indicativo da representação verossímil que a imagem traz ao acontecimento. “A foto é percebida como uma espécie

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de graduação, 4º ano do Curso de Jornalismo da UEPG, email: aline.jasper1@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEPG, email: carlossouza2013@hotmail.com



de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra.” (DUBOIS, 1994, p.25)

A notícia vinculada com fotografia em um jornal é sempre mais lida. “A função da fotografia no jornal é chamar a atenção para a notícia antes de ela ser lida” (LIMA, 1989, p. 19). Ainda de acordo com Lima (p. 16), o fotojornalismo tem uma função específica, que depende da informação que a fotografia passa e do impacto que ela tem no leitor. A imagem fotojornalística, portanto, deve transmitir uma mensagem clara, reduzindo ao máximo a decodificação que deve ser feita por parte do leitor. Ela deve simbolizar o acontecido e informar o máximo sobre ele.

“Em certas ocasiões, as imagens têm maior impacto do que as palavras. Esta circunstância leva a que se deva enfatizar a importância do debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo.” (SOUZA, 2004, p.109). Dependendo do contexto em que estão inseridas, as fotografias publicadas podem causar danos às pessoas retratadas ou envolvidas no acontecimento retratado.

Por isso, o fotojornalista consciente, enquanto ser humano inquieto, deve sempre interrogar-se quando explora temas violentos: 'Será o acontecimento fotografado de tal dimensão sócio-histórica e cultural que o choque do observador é justificável? A violência será necessária para a compreensão do acontecimento ou para sua corroboração?'. (SOUZA, 2004, p. 109)

Como produtor e difusor de informações, o fotojornalista deve, assim, ter consciência da responsabilidade que tem seu trabalho. “O fotógrafo deve assumir a responsabilidade por suas obras e os efeitos delas. Mas quando sua obra é uma deformação, será também proporcionalmente um crime contra a humanidade”. (SMITH, 1984, p.179).

SENSACIONALISMO E VIOLÊNCIA

Segundo Vicentini e Oliveira (2009, p.36), a partir dos anos 1990, os ‘grandes temas’ perderam importância para o jornalismo e as ‘pequenas histórias’ começaram a triunfar, dando maior espaço à violência localizada, o glamour, e os rostos e corpos bonitos. Passaram a ter mais importância na hierarquia da notícia os temas que trouxessem o exótico, o estranho e singular.



Considerada uma volta aos ‘fait divers’, publicações sensacionalistas populares na França do século XIX, essa nova configuração dos critérios de noticiabilidade significou uma maior exploração do sensacionalismo em vários jornais.

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. (ANGRIMANI, 1995, p.16).

Sensacionalismo é, em outras palavras, dar mais espaço e visibilidade aos temas que, em outras ocasiões ou outros veículos de comunicação, não apareceriam ou não ganhariam tal distinção.

“O discurso espetacular faz calar tudo que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências. É, portanto, totalmente ilógico” (DEBORD, 1997, p.188). Os temas isolados de seus contextos são as ‘pequenas histórias’, fatos curiosos que ganham espaço no sensacionalismo.

Vale ressaltar que não só jornais ‘popularescos’ se utilizam do sensacionalismo. Os jornais considerados ‘sérios’ e ‘de referência’ também lançam mão desse recurso para atrair a atenção dos leitores. A diferença é o espaço dado às matérias sensacionalistas, a frequência em que aparecem e o fato de os jornais popularescos deixarem claro em sua linha editorial o uso de sensacionalismo. Portanto, o cuidado com a explicitação dos critérios utilizados é um dos fatores que determina o compromisso que o veículo informativo tem com a ética jornalística.

Um dos temas mais explorados em meios e matérias sensacionalistas é a violência. Existem diversas definições para o termo violência, e em especial a violência na mídia. Porto (2002) afirma que a dificuldade conceitual decorre de várias razões, entre as quais o fato de a violência ser um fenômeno empírico antes que um conceito teórico.

A apreensão da violência é complexa, porque sendo um produto de sociedades ela muda de fisionomia e de escala de acordo com as mudanças dos aspectos da vida social. Nesses termos, coloca-se como impossível conceber e apreender a violência independentemente de critérios e pontos de vista. (DIAS, 2003, p.101)



O que é violento para um leitor do jornal pode não afetar tão profundamente outro. “A violência é altamente subjetiva, ela é o que uma pessoa, grupo ou sociedade considera como tal em um determinado momento.” (WIEWIORKA, 2006).

Silva (2011) diz que “a violência muda porque se desconcentra e perde o foco, sendo este caráter multifacetado sua característica básica no mundo contemporâneo”. Diversos fatores influenciam na percepção da violência, dentre eles a classe social, contato com situações violentas, estado psicológico, entre outros.

O ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos, a agressão física, o tirar a vida de outrem, não é tão simples, pois pode envolver tantas sutilezas e tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência. (ODÁLIA, 2004, p.23)

Para fins de esclarecimento conceitual, nesta pesquisa em específico “considera-se como violência os eventos fatais e não fatais decorrentes de todos os tipos de acidentes, bem como aqueles provenientes de violência intencional (agressões, homicídios, suicídios e suas tentativas)” (NJAINÉ, 1997).

Por ser um assunto que aparece constantemente nos jornais, a violência se torna parte integrante da sociedade e deixa de chocar o espectador. “As imagens da violência, dado o grau de recorrência, contribuem para banalizá-la, para torná-la normal e integrada ao cotidiano do leitor.” (DIAS, 2003, p.105).

Para alguns autores, na sociedade moderna “(...) o terror manipula a agenda da diplomacia... e também manipula a agenda da mídia.” (KARAM, 2004, p. 69). As relações sociais e principalmente as notícias se baseiam em medos e na violência. Mortes, acidentes, chacinas, roubos, a falta de segurança. Tudo que mais aparece nos jornais reflete um tipo de medo patológico, que domina a sociedade e gera repercussões na vida social e privada dos indivíduos.

Notícias de violência atraem os leitores. As pessoas diretamente afetadas são atraídas pelo interesse que têm no assunto. Quem não é afetado pelo acontecimento violento tem uma espécie de curiosidade mórbida pela tragédia alheia.

Quando tal violência destina-se a um certo grupo, os demais pertencentes a outras comunidades raramente sofrem um mínimo de ansiedade. Assistem ao desenrolar dos fatos noticiados como espetáculo. Nesse caso, tragédia alheia é show. (WAINBERG, 2005, p. 83)



É justamente por essa curiosidade que o leitor tem pelos temas violentos que as notícias sensacionalistas recebem maior espaço e destaque nas páginas do jornal. “A espetacularização das notícias subverte a ordem de importância e veracidade dos fatos. Torna-se estratégica, nessa lógica, a exposição esquemática de informações que causem impacto em primeiro lugar” (COSTA, 2002, p.142).

METODOLOGIA DA PESQUISA

Para procurar atingir o objetivo proposto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica buscando informações e conhecimentos que norteassem a investigação e tornassem claras as orientações conceituais. Martins (2002, p. 24) aponta que o “investigador deve proceder ao levantamento bibliográfico que dê suporte e fundamentação teórico-metodológica ao estudo”.

Depois da formação de conceitos para orientar a pesquisa, foi feita a coleta de dados. O objeto de análise foram as imagens nas capas e editorias de polícia de 80 edições do Jornal da Manhã (JM) e Diário dos Campos (DC), no período de 07 de janeiro de 2011 a 11 de abril de 2011.

As imagens coletadas foram classificadas em cinco graus de violência, definidos pela observação dos temas recorrentes nas imagens consideradas violentas no jornal, sendo que o Grau 1 é o mais leve e o Grau 5, o mais grave.

| GRAU | TEMAS RECORRENTES |
|------|--|
| 1 | Apreensões de drogas, armas e outros produtos ilegais. |
| 2 | Ofensa moral, ferimentos leves, danos leves ao patrimônio. |
| 3 | Ferimentos graves, danos graves ao patrimônio. |
| 4 | Insinuação de cadáveres. |
| 5 | Cadáveres, pedaços mutilados de corpos. |

A interpretação de dados se deu por meio de um cruzamento entre as abordagens qualitativa e quantitativa. Este cruzamento é defendido por Minayo e Sanches (1993) e por Goldenberg (1999, p. 62) que observa o seguinte: "a interação da

pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular”. Também foi utilizada a análise comparativa, para verificar como o Jornal da Manhã e o Diário dos Campos tratam o tema nas imagens publicadas nas capas e editorias de polícia e qual destes meios utiliza mais extensivamente da violência nas imagens.

COLETA DE DADOS

CAPAS

No Jornal da Manhã, foram registradas 50 imagens violentas nas capas dos jornais do período selecionado. Destas, 7 foram classificadas como grau 1, 28 como grau 2, 11 como grau 3, 2 como grau 4 e 2 como grau 5.

Jornal da Manhã - capas

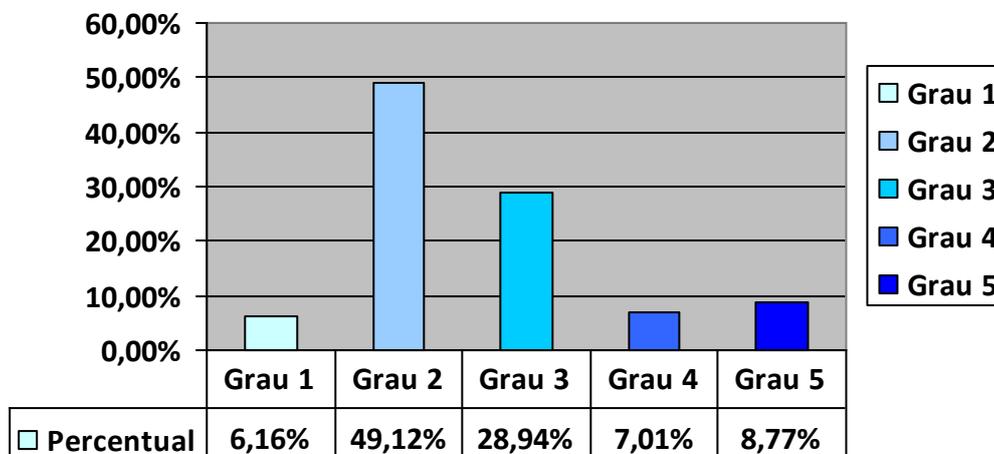


Gráfico 1 – Distribuição das imagens de violência nas capas do Jornal da Manhã

No Diário dos Campos nesse mesmo período, foram coletadas 66 imagens de violência, das quais 16 eram de grau 1, 35 de grau 2, 12 de grau 3, 3 de grau 4 e nenhuma de grau 5.

Diário dos Campos - capas

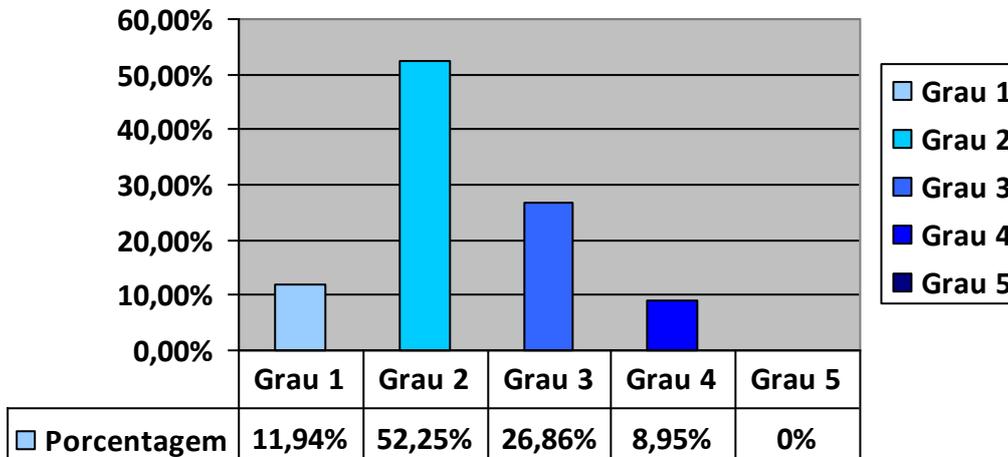


Gráfico 2 – Distribuição das imagens de violência nas capas do Diário dos Campos

EDITORIAS DE POLÍCIA

O JM não possui uma editoria denominada “polícia”. No entanto, a editoria “Cotidiano”, por ter as mesmas características, foi considerada na análise. Nesta editoria, foram constatadas 93 imagens de violência, das quais 22 eram de grau 1, 52 de grau 2, 8 de grau 3, 9 de grau 4 e 2 de grau 5.

Jornal da Manhã - Cotidiano

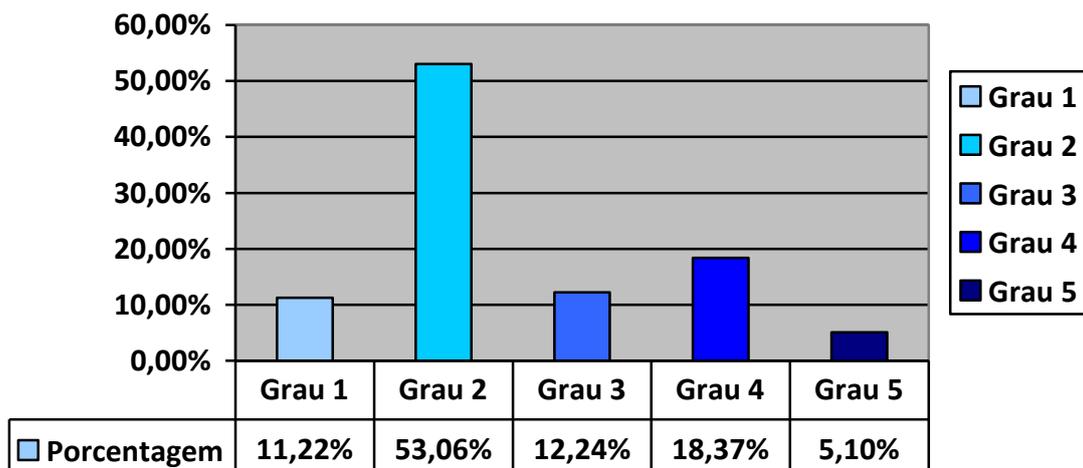


Gráfico 3 – Distribuição das imagens de violência na editoria “Cotidiano” do Jornal da Manhã

Na editoria de Polícia do DC, foram coletadas 124 imagens. Destas, 37 eram de grau 1, 53 de grau 2, 17 de grau 3, 13 de grau 4 e 4 de grau 5.

Diário dos Campos - Polícia

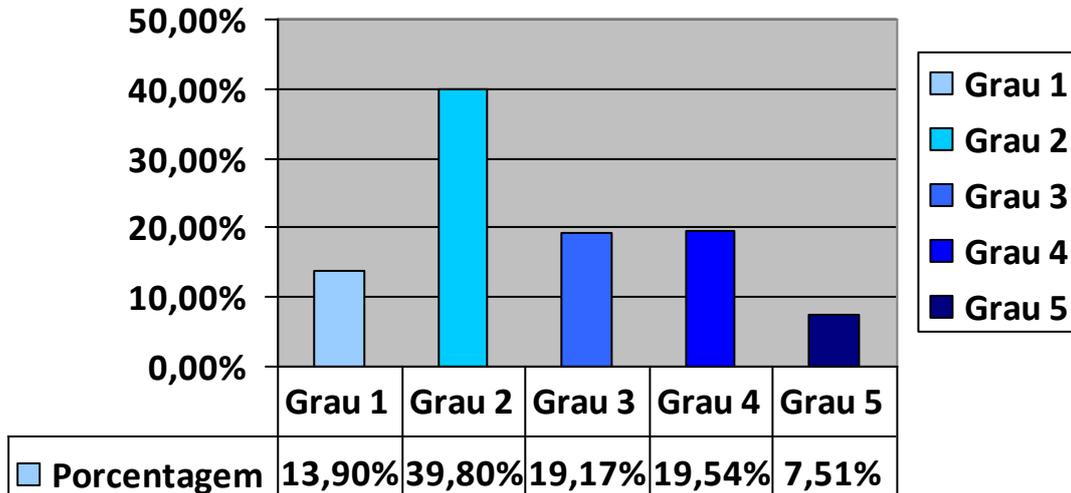


Gráfico 4 – Distribuição das imagens de violência na editoria “Polícia” do Diário dos Campos

Portanto, o gráfico comparativo entre Diário dos Campos e Jornal da Manhã aponta um maior número de imagens violentas em todos os graus no DC. O JM se aproxima nos graus 2 e 4 e se equipara no grau 5.

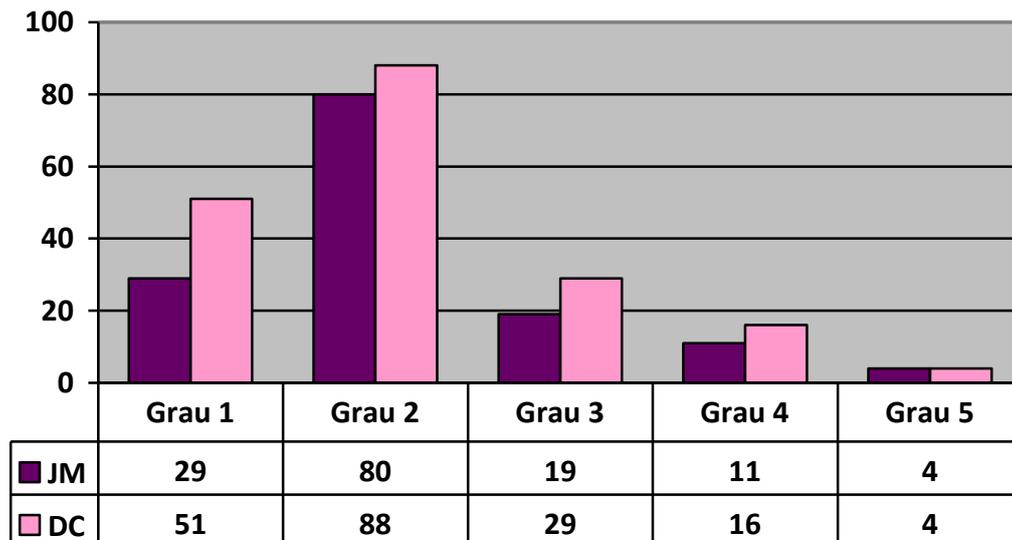


Gráfico 5 – Comparativo do número de fotografias violentas no JM e DC



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poucas foram as imagens consideradas muito violentas nos dois jornais. Em toda a análise, o JM teve 143 e o DC teve 190 imagens violentas, o que não é muito, considerando-se que em muitos dias não houve imagens violentas nos jornais.

Das imagens violentas publicadas no JM, 50 estavam nas capas e 93 na editoria de Cotidiano. A maior parte das fotografias era moderadamente violenta, sendo 55,95% de grau 2. O DC, nesse mesmo período, veiculou 66 fotografias violentas nas capas e 124 na editoria de polícia. No total, 46,31% das imagens era de grau 2.

As imagens consideradas de grau 5 não eram muito explícitas, como fica claro na Imagem 1, que mostra uma parte da capa do Jornal da Manhã de 26 de março de 2011. Nessa imagem, é mostrado um cadáver em segundo plano, coberto por um pano. A fotografia traz o capacete e um pedaço da moto destruída no acidente retratado e, ao fundo, o corpo sendo recolhido pela polícia. Percebe-se que em ambos os jornais existe uma preocupação em evitar imagens explicitamente violentas, o que demonstra que existem cuidados éticos.

Na Imagem 1, também percebe-se a razão para o maior número de imagens de grau 2 de violência nos jornais do que outros tipos. A fotografia menor, à direita, retrata um acusado de homicídio. Foi considerada violenta por causar danos morais e denigre a imagem do acusado, já que não havia sido condenado pela justiça e foi apresentado como autor do crime. São várias as ocorrências de imagens desse tipo.

Nesse caso, também é um agravante a chamada feita abaixo da fotografia (“Assassino na cadeia”), que faz um juízo de valor e corrobora para a construção de uma imagem precipitada e não confirmada do sujeito em questão. Na chamada, logo abaixo, “A Polícia Civil prendeu ontem José Geraldo Dorizinski, de 24 anos, acusado de roubar e matar o garçom Márcio Ricardo Gomes Gonçalves no dia 21 de outubro do ano passado”, o jornal explica que o indivíduo retratado foi detido, mas é apenas acusado de cometer o crime. Nesse caso, o fato de não haver acontecido um julgamento torna antiética a posição do jornal de condenação, explícita no adjetivo “assassino”. Não é papel da mídia julgar e condenar (ou absolver) pessoas que podem ou não ter cometido crimes dos quais são acusadas.



Imagem 1 – Trecho da capa do Jornal da Manhã de 26 de março de 2011

Assim, conclui-se que o jornal Diário dos Campos utiliza com maior frequência as fotografias com conteúdo violento, já que publicou 190 imagens violentas, e o Jornal da Manhã, 143. Também teve maior percentual de fotografias nos graus 1, 3 e 4.

A distribuição das imagens de caráter violento nos graus determinados foi muito parecida, em percentuais. No entanto, o DC teve maior número de ocorrências em todos os graus e se equiparou ao JM somente no grau 5.

Ao utilizar de forma mais extensiva imagens de violência, o Diário dos Campos pode ser considerado um jornal mais sensacionalista do que o Jornal da Manhã, ao se considerar as fotografias publicadas em suas páginas.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue:** um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Estética da Violência:** jornalismo e produção de sentidos. São Paulo: Unimep, 2002.



DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O Discurso da Violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular.** São Paulo: Cortez, 2003.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papirus, 1994.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público.** São Paulo: Summus, 2004.

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo Brasileiro: realidade e linguagem.** Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? In: **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro : 9 (3): 239-262, 1993.

NJAINE, Kathie et al. A produção da (dês)informação sobre violência: análise de uma prática discriminatória. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v.13, n.3, set 1997.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência.** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Erivan Morais de; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Sociologias,** Porto Alegre, n.8, dez 2002.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sobre “Violência Hoje”. **Ciência e saúde coletiva,** Rio de Janeiro, v.11, 2011.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror: Comunicação e violência política,** São Paulo: Paulus, 2005.

WIEWIORKA, Michel. Violence today. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v.11, n.2, jun 2006.